

# A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, Gonçalves Dias n. 67, 1º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 3 DE FEVEREIRO DE 1894

**SUMMARY.**—Historia dos sete dias—*José do Egypto*; A caçada, soneto—*Francisca Julia da Silva*; O romance brasileiro: O Missionario—*Araripé Junior*; Divina luz, poesia—*Maria Clara da C. Santos*; Botanica Amorosa, V.—*Garcia Redondo*; Na partida, poesia—*F. Khossard*; Gazetilha litteraria: *M. de Amor*, soneto—*W. de Queiroz*; Os que surgem, Vinó—*Valdemiro Silveira*; Se eu fosse ave, poesia—*José de Freitas Guimarães*; E pantano ou pantano?—*Lafayette de Toledo*; Factos e Noticias: *Correio*—*Enrico*; Tratos á bola—*Frei Antonio*.

## Historia dos sete dias

Semana triste, mais triste ainda que as tristissimas, que semi-mortos, hemos vivido ha cinco mezes.

Velo-lhe esse accrescimo de tristeza do passamento de um grande brasileiro. Morreu o Conselheiro Dantas, e o seu cadaver enorme encheu os sete dias. A historia d'estes foi a historia d'elle.

Nenhum dos diarios a contou completa e seguida. Tambem nós não podemos contar a; falta-nos tudo para isso: dados, tempo, espaço e animo.

Para aferir-se a estatura moral e intellectual de Dantas basta de sua vida, honrada e fecunda, relembrar dois factos: os serviços enormes que prestou por occasião da guerra do Paraguay, galvanizando toda a sua provincia com a fagulha poderosa de seu patriotismo, e o seu papel na questão do elemento servil.

A abolição tinha-se tornado a suprema aspiração nacional, a causa do povo, da nação em peso.

A abolição predicava, amaldiçoava, gemia, impunha, ameaçava — nos jornaes, nas tribunas dos clubs, nos theatros, nos "meetings;" — e as classes governantes, — assim consideradas as que dispõem da capital e da influencia politica, — fingiam nada ver, nada ouvir.

E a abolição ajuntou á palavra o acto, á propaganda pelo argumento e pelo sentimento a propaganda pelo facto, pela resistencia defensiva e offensiva.

Uma duzia de homens de fé e energia, ao Norte e ao Sul, cujos nomes a Historia já recolheu, conflagraram o palz no santo incendio da Liberdade; — e as classes governantes fingiam ainda nada ouvir nem ver!

O governo acreditava ou simulava acreditar que aquelle movimento geral da alma popular, inflada em onda alterosa e rugente, representava apenas a opinião "dos que nada tinham a perder," dos "pescadores de aguas turvas."

E o Parlamento, apesar da campanha vehemente de alguns representantes, capitaneados por Joaquim Nabuco,

acompanhava o Governo na sua funesta politica de "não cogitar no assumpto."

Foi quando, por um aceno benigno do capricho de Pedro II, subiu Souza Dantas á presidencia do Conselho de ministros, organisando o immortal ministerio "Seis de Junho."

O que elle então fez foi quasi nada e foi tudo: incluiu no seu programma a questão abolicionista, melhor: fez d'ella o seu primeiro artigo.

O valor de sua obra não consistio no projecto que pedia a liberdade dos sexagenarios; mas no acto simples e honesto de ver e de ouvir a questão abolicionista; de tornar a artigo obrigado e iniludivel de todos os futuros programmas de governo.



Não lhe coube a gloria de fazer a abolição radical, porque o imperador, havendo-o animado a principio e prometido todo o seu apoio, teve medo depois, e abandonou-o.

Dantas retrou-se; mas a sua missão estava cumprida e completa a sua obra: a esphera de luz rolava cada vez mais rapida com o impulso titanico que lhe imprimira seu pulso.

Como no verso do poeta latino a outro couberam as honras do feito: "tulit alter honores."

Mas a Justiça da Historia começou desde hontem a obra da reparação: —

acompanhando o venerando cadaver, vio-se, num compungido prestito impo-nente, a parte aurifera das nossas camadas sociaes — os mais legitimos e lusidos representantes da Política, do Direito, da Sciencia, do Exercito e da Imprensa.

Foi uma apothese esse prestito funebre. Era a Patria que ia alli, pesada de luto, soluçando a sua immensa dor, cansada de soffrer tanto, mas levando estampada nas faces pallidas, que os Infortunios continuos têm emmagrecido, a magestade santa da resignação e da esperanza.

A obra de justiça começou, entretanto, apenas. E é indispensavel concluir-a: o Brasil deve uma estatua a Manoel Pinto de Souza Dantas. Quando lhe pagará essa divida de bronze?



Um telegramma de Buenos-Ayres para O Paiz annuncia que no theatro da "Zarzucla" d'aquella cidade fôra exhibida uma peça, intitulada "Juca Tigre," em que se troçava e infamava atrozmente o Brasil. Essa patifaria tem como autor um Sr. Nicoláo Granada, deputado uruguayo.

Felizmente a pasquinada theatral não ficou impune. Os nossos patricios patearam-na epicamente e tal charivari de protesto fizeram que foram presos, sendo logo depois restituídos á liberdade. Foram prohibidas as representações de "Juca Tigre." E assim terminou o incidente.

Triste fadario o do Brasil. E' mina opulenta, inexaurivel e sempre escancarada para todos que desejam enriquecer.

O povo é tudo o que se conhece de mais Mané Cão e João Bocó: deixa-se "embrulhar" e depennar sem desconfiar — antes, nem gritar — depois. Em vez de explorar e aproveitar bem as forças e apti-

dões dos aventureiros que aqui vêm ganhar o que nunca sonharam, deixa-se explorar por elles e ás vezes com um descaramento e uma simplicidade comovedoras.

E qual a paga de tudo isso?

A paga é sermos achincalhados, debicados, troçados, ridiculizados, infamados e conspurcados!

Não se limitam esses milhafres a nos esvasiar os bolsos, e deixar em camisa: riem-se de nós depois, divertem-se á custa da victima!

E' preciso decorar bem o nome do tal comediographo. Chama-se Nicoláo Gra-

nada. O sobrenome é facil de reter, pois tem a maior oportunidade.

Talvez que o possamos engalfinhar um dia.

A todos quantos esta lrem recomendo que, se Granada encontrarem, se apressem a rebentar Granada—a pontapés.



Temos novo estado de sitio até 25 d'este mez, e não teremos carnaval externo.

O bol gordo que faça o seu passeio triumphal por dentro das casas, sem deitar á rua as pontas enfeitadas da sua gloriosa armação. Momo que vá para as praias, se quer divertir-se, apanhar conchas e balas de "Cruz Pacheco." Folia que tenha julzo.

O chronista declara-se contente. Não terá que ensurdecer com o "zépe-reirar" dos grupos de foliões, nem que melancollisar-se com o "desesperito" e a "desgraça" d'elles.

Aproveitará os dias de folga para ir refocillar no seio verde e amigo da Natureza. Além de que um carnaval existe que ninguem lhe pode tirar—o da Historia. Que melhor?

José DO EGYPTO.

Nunca se ama tanto quanto se é amado; por isso a arte de ser feliz em amor consiste em dar tudo sem nada pedir. E' o que ensina a phrase admiravel de Philline a Wilhelm, em Gothe: "Se eu te amo, que tens tu com isso?"

MME. DE MAINTENON.

## A CAÇADA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Ao mirante gentil, de construcção bizarra,  
Acabou de subir naquella mesmo instante  
Em que o seu noivo foi á caça; e, palpitante,  
Lá fóra cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante  
Que, entre as folhas, sibilla a estridula cigarra,  
Ella vae ler a carta onde o seu noivo narra  
A dor que ha de soffrer quando estiver distante...

E dorme vendo o sol que, a travez de uma escaza  
Nuvem branca, illumina as ingremes encostas  
Dos montes onde ondeja a matilha da caça:

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,  
O seu noivo gentil que, de espingarda ás costas,  
Lhe offerta uma porção de passaros feridos...

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

## O ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO—Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

### IV

Padre Antonio não era um contemplativo. Sanguineo e forte, a sua natureza pedia movimento e lucta, gozo e triumphos ruidosos.

Antes de entrar para o Seminario fôra um selvagemzinho. "Levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a metter as vaccas para o curral." Os seus divertimentos, então, eram montar bezerras, subjugar poldros de anno e meio, madrugarem em excursões atraz de ninhos de garças e maguarys, afrontando brejos, rios e florestas, "saturado de sol, de ar, de liberdade, de gozo."

Semelhante vida, comprehendendo-se, não podia senão aticar-lhe o sangue e

apparelhar a carne. Não obstante, e quando o selvagemzinho mal solettrava a "Historia do imperador Carlos Magno e dosdoze pares de França" e começava a perseguir as mulatinhas, entenderam que uma batina la-lhe ao plntar; e o eunxiqueiraram no aprisco sagrado, cortando-lhe subitamente o desenvolvimento da puberdade. Os padres conseguiram domal-o; mas a redução do menino fez-se com algum trabalho. Era inevitavel que a intrepidez do antigo perseguidor de maguarys, atravessando a sua educação theologica, entre a duvida e a contradicção, levantasse successivamente todas as bandeiras que a heresia e a impiedade tem destraldado para inquetar a consciencia catholica desde Origenes até Luthero. Assim, elle fôra maniqueu, com Santo Agostinho, millenario com S. Justino e Santo Ambrosio, dualista com Marcião, mystico com Montario, chegando mesmo a adoptar a heresia dos valerios e dos originistas. Tudo isto, porém, modificava-se diante da disciplina e de alguns encarceramentos, e por ultimo dissipava-se com o recebimento das ordens e com a vigarraria de Silves. Todavia a imposição do ministerio sagrado, se o submette, não o transforma.

O parochio, que agora encontramos frente a frente a Xico Fidencio, cheio de modestia, de unção religiosa, e preoccupado do incremento da fé, quer acção, luz e theatro para largos movimentos.

Em pouco tempo a monotonia do exercicio parochial o arroja para as concepções gigantescas. A historia das missões o embevecia e as biographias dos grandes soldados da milicia de Christo causavam-lhe verdadeira febre de gloria.

"O padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa confessava, e ao sair, no adro, palestrava com os homens, indagando da saude de cada um, muito cortez, dando conselhos de hygiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sachristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, saia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo de sinezude e da gravidade. Voltava ás seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviario...

"Os baptisados e casamentos, atrazados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n'o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo a tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defuncto ou do nubente..."

Esta mansuetude e correcção no cumprimento dos deveres parochiaes concorrem para tornar ainda mais monotona e incolor a vida do pseudo-asceta. O proprio Xico Fidencio sente-se desarmado, e o unico elemento de escandalo que podia agitar o "forum" de Silves, falha de um modo descoroçoador, tirando a "verve" ao folliculario e preparando a evasão do joven sacerdote.

Padre Antonio, dia a dia, reconhece que o escopo de sua vida não é pregar sermões eloquentes entre as quatro paredes de uma velha igreja despovoada de fieis. Com effeito, aquelle "padre triste", que, segundo dizia o Fidencio,

"tinha mysterios no gesto e uma aggressão no olhar", não podia permancer á margem do Saracá, entre gente estúpida, inactivo e sujeito a morrer de um momento para outro sem que sobre sua sepultura se inscreva um feito digno de memoria.

Não lhe basta o cumprimento banal do dever. Seu ideal é ser um santo célebre e para conseguil-o só ha um meio: — fugir ás tentações da carne que o aguilhoam naquella villa ociosa e emprehender a missão da Mundurucania. E' preciso correr perigos e illustrar uma pagina do "Flos Sanctorum." Padre Antonio não hesita mais, e um dia, acompanhado do sachristão Macario, numa igarité, abandona Silves, com um sonho prodigioso no cerebro.

A floresta brasilica já se transfigura na cathedral poetica dos tempos aureos; e no delirio do romantico voejam todas as grandezas e sumptuosidades que a memoria oriental e a legenda medieval têm accumulado em sua imaginação de voluptuoso. Em seu espirito, privado da mulher, forma-se o ruidoso poema das grandes creações sociologicas. O Amazonas se lhe affigura o centro do Universo e a missão da Mundurucania uma nova construcção de Ignacio de Loyola.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

Os prazeres são como os alimentos: os mais simples são justamente aquelles que nunca nos aborrecem.

CH. NODIER.

## DIVINA LUZ

(A ANGELINA SANTOS)

Morrem as graças, os encantos  
Da formosura,  
Muda-se a aurora em negros prantos,  
Em noite escura!

Tudo fenece e tudo passa...  
O proprio amor,  
— Passaro errante que esvoaça,  
Perde o fulgor!

Vislumbro certo de esperanza  
E de alegria,  
A gloria—até a gloria cança...  
Alfim um dia!

Só não fenece a luz sagrada,  
Divina luz  
Que vem dos olhos, encantada,  
E o amor traduz!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS,

## BOTANICA AMOROSA (\*)

### V

Eram seis horas da manhã, de uma manhã primaveril, fresca e perfumada, e eu, mais madrugador do que ella, passeava já no lindo jardim do seu ninho amado, esperando o bom sol creador e fecundo, quando de repente senti o estalido da areia premiada por pésinhos leves e ouvi uma voz suave e melodiosa dizer-me quasi ao ouvido:

— Bom dia, Daphnis.

Era ella.

— Bom dia, Chloé.

Estalaram beijos.

E, tomando entre as minhas as suas mãos macias, conduzi-a docemente até o alpendre engradado por onde trepavam glyclinias e bougainvilleas vermelhas.

(\*) Vide Ns. 15, 16, 17 e 18.

Sentámo-nos, e á espera do sol, ouvindo o chilhêdo da passarada feliz e o ruído da larva glutona que devora a folhagem, ella, impaciente por me ouvir discorrer sobre cousas galantes, disse-me:

— Els-me aqui, meu amigo, prompta e preparada para a segunda lição. Prometteste-me hontem que a farias hoje no meio do nosso jardim, entre flores e aves, logo que o sol rompesse. E eis ahí o primelro ralo do astro, que acaba de descambuçar-se do seu albornós de nevoas e que doura já a corolla das rosas e dos lyrios gentis. Estamos na hora e, para comçar, permite que eu te faça uma confissão franca e sincera: Imagina que eu não sei nada, nada dos maravilhosos segredos da natureza, a não ser o pouco que hontem aprendi contigo no nosso delicioso passeio á floresta. Quero saber tudo e devo confessar-te que no meu espirito palra a confusa ldeia de que o animal e a planta têm afinidades tão intimas que quasi se confundem. Será isto exacto?

— E', minha gentil Chloé; sómente o animal superior é mais perfeito do que o vegetal.

De passagem, já te falei do coral e da esponja, que, sendo animaes, embora tenham a forma de vegetaes, são entretanto mais imperfeitos do que algumas plantas carnivoras, porque estas possuem o movimento parcial das folhas, dos pelios e dos ascídios, as passo que aquelles são intelramente immoveis. Isto, porém, constitue uma excepção. Em regra, a despeito da grande afinidade que existe entre o animal e a planta, o primeiro é mais perfeito do que a segunda. Basta recordar que o animal possui, em geral, um orgão para cada função, quando a planta por um mesmo orgão pode exercer diversas funções, para vêr-se quanto o animal é mais perfeito do que o vegetal.

Exemplifiquemos: a "dionéa" digere e respira por um mesmo orgão, — a folha, ao passo que o animal possui orgãos especiaes para digerir, e outros, muito diversos d'aquelles, para respirar.

Ella interrompeu, preclpite:

— Isso se dá excepcionalmente com a "dionéa" e com as outras carnivoras. Mas, nas plantas que absorvem a nutrição pelas raizes e que respiram pelas folhas e pelo tronco, como me explicaste hontem? Não têm ellas um orgão especial para cada função?...

E, orgulhosa, com o prazer do triumpho nos labios rubros, ella me fitava anciosamente, aguardando a resposta.

— Gostei da objecção, minha encantadora discipula, e ella vale bem um beijo nesses labios purpurinos, que a expuzeram com tanta lucidez e graça. Na realidade, as plantas geralmente allmentam-se pelas raizes e respiram pelas folhas, pelos galhos e pelo tronco; mas devo esclarecer-te que, ainda nessas, os orgãos destinados á nutrição podem transformar-se em orgãos respiratorios e vice-versa, o que significa que na planta, um mesmo orgão pôde exercer funções diversas.

— Como assim?

— Fazendo com que as raizes se transformem em galhos e produzam folhas e obrigando os galhos a transformarem-se em raizes.

O espanto da minha gracil companheira pintava-se no seu rosto formoso. A sua bocca deliciosa abria-se num "oh!" admirativo e os seus olhos negros scintillavam de impaciencia, cravados em mim.

Não te admires, eu me vou explicar melhor. Vês aquelle "hibiscus splendens" (mimo de Venus) coberto de flores vermelhas, manchadas de purpura, cuja copa folhuda se ostenta graciosa sobre o caule alto, liso e delgado como se fosse um "bouquet" gigantesco? Vês ainda, mais adiante, no centro do ultimo canteiro da esquerda, aquella elegante "azalea gloire de Belgique" coberta de flores brancas, mosqueadas de pontuações roseas, que rivalisa na belleza e no porte com o "hibiscus splendens"?

Pois bem; eu vou commetter a crueldade e o sacrilegio de curvar o tronco d'essas duas plantas e mergulhar as suas copas pomposas debaixo da terra. Daqui a mezes, eu mesmo virei verificar se os galhos enterrados já se transformaram em raizes e, então, quando isso succeder, eu desenterrarei as raizes que ellas hoje possuem e as virarei para o céu para que tomem o lugar da copa. Verás então, minha eterna desconfiada, que essas raizes se cobrirão de folhas e de flores e se transformarão em copa como esta se transformou em raizes.

— Mas isso é estupendo, inacreditavel quasi! exclamou ella, visivelmente estupefacta. E' a inversão da planta.

— Precisamente.

— Pode-se então virar uma arvore fazendo-se com que a copa fique debaixo da terra e as raizes no ar?...

— Pode-se, e é isso o que vou fazer já para que te não reste mais duvida alguma.

E, abandonando o alpendre, seguiu em direcção ao canteiro onde se erguia o "hibiscus," cuja copa luxuriante e florida enterrei no sólo, depois de ter dobrado o caule cuidadosamente, para não esgarçar.

Quando me dirigia para a "azalea" ella interceptou-me o passo e, com os olhos empanados de lagrimas divinas, disse-me, supplicante:

— Não, não; para experiencia basta uma. Vamos poupar a linda "Azalea," que é a alegria do meu jardim.

— Poupar!...

— Sim, porque tu a vais matar como mataste o "hibiscus."

— Não tenhas receio, minha querida incredula. O "hibiscus" não morrerá; um pouco de agua, um ralo de sol pela manhã e sombra nas horas callidas do dia hão de fazer o milagre que te annunciarei. E, uma vez feito, tu te convencerás então que as raizes podem respirar e florir assim como os galhos e as folhas podem absorver.

E, como ella apontasse com as mãos supplices para a linda "azalea," eu a enlacei nos meus braços e a reconduzi para o alpendre.

Ella murmurava sempre:

— Estupendo! quasi inacreditavel!...  
— No entretanto é real, minha doce Chloé, e este phenomeno, tão extraordinario na apparencia, é naturalissimo, como vais vêr. Dize-me: nunca viste fazer a reproducção das plantas pela mergulhla?

— Já; ainda hontem o jardineiro fez isso no pomar com uma videira.

— E como procedeu elle?

— Escolhendo uma das melhores varas da vide, fazendo-lhe uma incisão com o canivete e mergulhando essa parte da vara de baixo da terra, de modo que uma extremidade ficasse ligada ao tronco e a outra surgisse fóra da terra.

— Perfeitamente. E elle não te explicou pelo que e para que fez isso?

— Disse-me que, d'aquella mezes, a parte da vara mergulhada na terra oriará raizes e que, uma vez enraizada a vara, elle a separaria do tronco constituindo assim uma outra videira nova, cuja copa, que agora está nua, se havia de cobrir de folhas e de saborosos cachos como a videira mãe que lhe deu origem e que ainda a está allmentando agora com a sua seiva.

— Exactamente, minha aproveitada discipula; e d'ahi tu deves inferir que, assim como um galho "enraiza," assim tambem a copa inteira, que é composta de muitos galhos, pôde "enraizar." Resta agora verificar se uma raiz pode enfolhar e florir.

— Esse é que é precisamente o ponto duvidoso para mim; disse ella.

— Pois a duvida vai desaparecer já.

E, apontando para o pomar, que verdejava além do jardim, perguntei:

— Vês aquella jaqueira umbrosa cujas raizes sahem da terra em corcovas que lembram giboiás enormes?

— Vejo.

— E o que tem ella na corcova de uma dessas raizes?

— Uma grande jaca.

— O que é a jaca?

— Um fructo.

— De onde provém o fructo?

— Da flor.

— Basta. Aquella jaca não poderia existir alli sem ter sido primeiramente flor. Logo, aquella raiz produziu uma flor e, como a flor não passa de uma modificação da folha, tu chegarás fatalmente á conclusão de que as raizes podem enfolhar, florir e fructificar.

— Admiravel e convincente, meu querido mestre.

E ao dizer isto, cheia de uma alegria infantil, ella quiz apertar-me agradecida entre as serpentes brancas dos seus braços roliços, quando assomou á porta do alpendre o vulto crecto do orlado francez que lhe disse, respeitoso e curvo: — "Mademoiselle est servle."

E, apenas essa figura lmportuna desapareceu atraz do reposteiro, ella ergueu-se e, de um pulo, veio cair nos meus joelhos, cobrindo-me o rosto de beijos.

Depois, apoderando-se do meu braço, conduziu-me ao pequenino salão de jantar onde nos sentámos, um em frente, outro a uma meza elegante, pejada de vinhos louros, llnhos frescos, crustacs, flores e fructas.

O seu dedinho roscou pousou então sobre o botão de um tympano e resurgiu de novo a figura erecta do criado trazendo, o primeiro prato do nosso delicioso almoço.

O relógio de Flora apregoava oito horas.

(Continúa).

GARCIA REDONDO.

## MISSA DE AMOR

A GARCIA REDONDO.

Sobre o teu branco ventre, cor de leite,  
— Allucinante marmore de Paris, —  
Canto, ó meu sonho, a missa do do-leite,  
Eu, o ministro de teus sonhos raros.

Lubrificam-te os olhos, como o azeite  
Da lampada de um templo, os éstos claros  
Da volupia... Ah, assim, amote, amote,  
Altar ungiado de meus beijos caros.

Vamos! Que as hostias brancas do teu seio,  
Tremulas, saltem da camisa, louca...  
Que o calix seja a tua bocca langue...

De joelhos, présto! A missa vai em tempo...  
— Póde o beijo cantar na tua bocca! •  
— Póde romper a orchestra do teu sangue!

S. Paulo—Outubro—1893.

WENCESLÁO DE QUEIROZ.

## GAZETILHA LITTERARIA

Livros que devem apparecer no correr d'este anno, segundo noticias publicadas em diversos jornaes e informações que possuímos.

## Prosa:

BRIC-À-BRAC—(quadros, contos, humorismo); NA ESTACADA—(critica)—de Valentim Magalhães.

A SOGRA—de Aluizio Azevedo.

INVERNO EM FLOR e REI PHANTASMA—de Coelho Netto.

CARICIAS e BOTANICA AMOROSA—de Garcia Redondo.

CRYSTAES—de Luiz Rosa.

CRITICA—de Araripe Junior.

NOTAS TREFEOAS—de Max Fleiuss.

NO PAIZ DOS YANKEES e BOM CREOULO—de Adolpho Caminha.

IMPRESSÕES DE OURO PRETO—de Olavo Bilac.

LUPE—de Affonso Celso Junior.

MARES e CAMPOS—de Virgilio Varzea.

CONTOS—de Alberto de Oliveira.

SANOUE—de Gastão Bousquet.

ARISTO (2ª. edição)—de Rodrigo Octavio.

## Poesia:

ESTROPHES—de Fontoura Xavier.

OPERA LYRICA—de Pedro Rabello.

LOTUS—de Luiz Rosa.

SONETOS—de Henrique de Magalhães.

CINZAS—de Victor Silva.

MYRTHOS—de Themistocles Machado.

VERSOS e RYTHMOS—de Alberto de Oliveira.

RIMAS DE OUTR'ORA—de Affonso Celso Junior.

CIGARROS—de B. Lopes.

SARCASMOS—de Julio Cesar da Silva.

POESIAS—de Francisca Julia da Silva.

SONHOS DE OURO (drama em verso)—de Rodrigo Octavio.

## Prosa e verso:

NO LAR—de Valentim Magalhães.

Hoje, na secção OS QUE SURGEM, temos a honra de apresentar ao publico litterario um novo prosador e um novo poeta: Valdomiro Silveira e José de Freitas Guimarães.

O primeiro tem vinte annos, é paulista, e estudou o ultimo anno do curso juridico em S. Paulo.

O segundo, muito moço tambem, cursa a terceira série juridica da mesma faculdade, e, como é pobre, trabalha no commercio em Santos.

Um e outro parecem-nos cheios de talento e ricos de promessas.

O lindo conto VINÓ é o segundo que escreve Valdomiro Silveira.

O primelro fol publicado, ha dias no CORREIO PAULISTANO e intitula-se NERVOSA.

A SEMANA tem vivissimo prazer em apresental-os aos seus leitores, certo de que o seu exigentissimo paladar ficará satisfeito.

O BRIC-À-BRAC, além de ser primorosamente typographado, trará um excellent retrato do autor, trabalho do xylographo portuguez Pastor e uma capa illustrada por Belmiro de Almolda. Um mlmo bibliographico, com que se vão regalar os assilgnantes d'A SEMANA.

Para o nosso primeiro concurso de prosa recebemos mais tres trabalhos com as legendas: AB, TINTIM POR TIN-

TIM e TEUS OLHOS ME GUIAM e para o de poesla mais uma producção com a legenda—HERMENOARDA.

A SEMANA tem a honra de dar aos seus leitores a grata noticia de que vai delical-os dentro em breve com uma finissima joia litteraria.

Olavo Bilac, o imaginoso poeta da VIA LACTEA e das PANORLIAS, está terminando um poema historico, eplodio da grandiosa epopea dos Bandeirantes, que destina a esta folha, que tem estado saudossissima pelos inspirados versos do inolvidavel "Phebo-Apollo" que tanto abrilhantou as columnas d'A SEMANA na sua primeira phase.

GUACUHY, é o titulo do poema e celebra, segundo nos escreve o seu autor, a morte de Fernão Dias Paes Leme, o caçador de esmeraldas (1680).

Esperamos publicar ainda este mez, o novo trabalho do illustre poeta.

## NA PARTIDA

Fez Deus a noite para os sonhos; quando  
O astro-rei no poente se reclinou  
E as trevas, pouco a pouco, vão baixando.  
Vae Elle alvorotando  
Dos sonhos meigos a legião divina.

Depois, quando, fogoso, o rei do dia  
Faz a noite medrosa se esconder,  
De novo a realidade principia  
A mostrar tal qual é,—placida e fria.—  
O Bem ou Mal que nos agita o ser.

Vejo-te scismadora; e no momento  
Em que por outras terras vaes, querida,  
Parece-me sentir o pensamento  
Adormecer tranquillo, quando attento  
Nos olhos teus, urnas da minha vida.

Luz de meu ser, é justo que, fugindo  
Tu de perto de mim, a noite desça  
Sobre minh'alma, e o peito meu,—sentindo  
As callignas que vão-n'o revestindo,—  
P'ra em ti pensar, em souhos adormeça.

Dorme para sonhar; emquanto fores  
Navegando contente em mar de rosas  
E a lua, nuns phantasticos ardores,  
Beijar-te os rubros labios tentadores  
Em suaves caricias luminosas,

Elle, entre nuvens, sonha ter-te dito  
Na elegante linguagem da paixão,  
—A linguagem do olhar,—o amor bemdito,  
Maior que o céu, grande como o Infinito,  
Com qua tu desvairste-me a razão.

O orgulho meu, condor impetuoso  
Que aspira a tudo que jamais se alcança,  
Baixou do vacuo ao contemplar-te, e ancioso  
Foi procurar dos ninhos o repouso  
Nas tuas mãos franzinas de criança.

Domina-o, pois; vingá, com teus sarcasmos,  
As ingénuas que outr'ora torturei;  
Fal-o estorcer-se em horridos espasmos...  
Cega, com teu fulgor, meus olhos pasmos,  
Que, mesmo cego, inda te fitarei.

Confesso que domaste-me, sereia...  
E se ao dizel-o o rosto meu não cora,  
E' que o fazer da vida um grão de areia,  
Se é cobardia ás mãos de quem se bdeia,  
E' intrepidez aos pés de quem se adora.

Foge! parte! não cessa a idolatria  
Que apurei do meu peito no crysol;  
Vae, que não temo a horrenda noite fria,  
Pois á minh'alma ha de voltar o dia,  
Quando voltares tu, que és o meu sol!

FREDERICO RHOSSARD.

## OS QUE SURGEM

## VINÓ

Mal lhe entrára o cerebro, insufficientemente allumiado ainda, aquella visão encantadora de Salú na aldeia, Vinó fol outro: já não fechava tão certamente os patos, quando a tarde caía; já não tirava d'agua, com a mesma firmeza d'antes, as rutilas trahiras buliçosas, ao aclarar festivo das manhãs.

A pouco e pouco, deixara-se invadir por uma indolencia vaga, sonhadora, que se transformou depois numa verdadeira desidia contemplativa, semelhante á de um anachoreta entregando seu destino ao poder sobrehumano de alguem que as nuvens encobrem.

Boquejavam na aldeia estranhas cousas. Um tal affirmava ter observado o moço imberbe a traçar na areia de beira rio, horas esquecidas, lineamentos confusos e tremulados. Outro, que o vira ermando pelos coquelraes, noite velha. Chegavam a pretender que uma feia bruxa, durante os placidos somnos do rapaz, lhe bebia o ardente e vigoroso sangue, a chupões esgotadores...

Já se tornava objecto de compaixão. Virgens de olhar sereno e meigo, de alma singela e simples, chamavam-n'o á conversa, querendo teleital-o. E Vinó sorria-se, sorria-lhes, seguindo depols pelas estradas vermelhas, sósnho, como carregando com algo algum segredo que nunca jámais ninguem devêra conhecer.

Salú vlvia dentro da alma d'elle. Avincava-lhe a testa, alegrava-lhe os sonhos, preparava-lhe o coração para as esperanças: de tal sorte que uma vez, podendo afinal encontrar-se com ella ao pé de uma restinga, Vinó poz-se a enumerar bonitos planos.

Chamou-a, quiz beljal-a, fez-lhe caricias com a voz insinuante, já que o genio altivo da rapariga não permitia abraços nem beljos. E Salú, cheia de graça, la ouvindo satisfeita, satisfeita: se não dizia eguaes phrases, era só para não repetir o que elle dizia. Ficava absorta nas palavras de Vinó, e tanto, que elle se calou e ella parecia ouvil-o ainda, muito tempo...

Depols, quando a noite caiu,—pois ha sempre uma noite para todas as venturas—elle embevecidamente permaneceu no mesmo logar escuso, emquanto ella partia, deixando o ar irrequieto, palpitante de um odor suavissimo de baunilha madura. E Vinó, numa grata allucinação, cria estar sentindo sempre o saudavel respiro d'ella, numa fresca aragem que descêra do morro.

Quando teve de voltar á palhoça, la de olhar muito fixo numa grande estrela piscapisca, lucida e oscillante no azul escuro da amplidão tranquillita: era a estrella de Belém, a protectora dos amantes, a que dulcifica a indole impetuosa das creaturas amadas, a que faz a gente feliz.

Olhando-a, Vinó querla endereçar-lhe porventura uma supplica: desejava pedir áquella que tinha palpitações febris por se ver tão só no infinito, que o não separasse da mui dilecta Salú, muito embora a desventura passasse pelas choupanas, destruindo os mais callidos juramentos e as mais arrebatadoras promessas.

E penetrou a palhoça. E dormiu.

Rede leve e embaladora, não contes aos ventos indiscretos o que soubeste, em confidencia, de um espirito apaixonado que se abrfra descuidoso como uma timorata papoula á sombra. Sapés austeros do tecto, que tendes julzo e amizade ao bello joven aborigene, guardae sigillo. Flechas, que ides voar tão longe, caluda!—nunca as aves conheçam faes mysterios.

O dia alvorejou. Desencapotou-se o cabeço verde dos montes, rasgaram-se os lençoes de neblina que estavam sobranceiros a valles e corregos, ôsol arriscouse—e, não vendo estorvos, tomou posse absoluta do riquissimo firmamento.

Salú cantava ao longe... E de quebrada a quebrada, de serra a serra, alastrava-se aquella sonora canção, toalha harmoniosa que se desenrolou vagarosamente, que se fechou mais vagorosamente ainda. Silenciavam os pitangús palmeiros, conservavam-se immotos os veados na humidade soturna das cavernas.

E Vinó, levantando-se, levantava-se feliz. Sonhára, acordára, talvez estivesse sonhando ainda, talvez sonhasse sempre... Empunhou as flechas, o arco, a bolsa ruda e palmilhou o carreadouro que ia desembocar no rio.

Comtudo os azagarys quasi lhe esfolavam a cabeça, no vôo demorado; os nambús quasi lhe bicavam as multicores sandalias de pennas: os suruquás de peito rubro passavam no ensombramento das arvores, interrompendo o silencio da matta com subitos rufos d'azas: o moço caçador apenas tinha vontades de atrair a uma ave—a sua phantasia, que subira aos ares, muito longe, e de lá descobria paizes appeteciveis, em que a felicidade é eterna e as horas correm murmurinando como os régatos.

O sol brilhava firme. Começava a subir da terra para o sol, como uma offerenda de servas submissas, o perfume mais ebriante que as flores pudessem ter. E o perfume das varias flores, subindo assim ao sol, era uma declaração cuidadosa de saes e promptas puberdades, que o astro robusto trataria de desenvolver e gosar até á tarde, senpre alacre e sempre voluptuoso.

Muitas freiam de leye, muito de leve, á passagem do moço: parecia contarem-lhe ignotas historias agradaveis, num pequeno bulicio que fazia lembrar cochichamentos de meninas brejeiras. Mas no adyto das esarpas, entre samambaias e fetos sonorosos, havia uma longa barulheira, enormemente ironica, promovida pelos sagazes caxinguelés que se penduravam, brincando, dos ramos curvos.

Vinó compenetrou-se desses d'esenxabidos sarcasmos covardes que os hilares animaesinhos lhe dirigiam. E se d'antes pensava roseas cousas, ia agora pensando cousas tristes: via Salú, junto á corredeira espumejante do rio, a preparar a tarrafa para a proxima pesca—, e tinha medo que ella se debruçasse sobre a ribanceira, e algum máo espirito a tentasse do fundo d'agua, tão linda estava Salú.

De subito, farfallharam bem ao perto batidas ramarias: o perfil desempenado de um indio, trajado á guerreira, entrou-se na aberta das folhas. Encaminhou-se para Salú, que o contemplava, e falaram-se alongadamente. Sentaram-se depois ao pé da corredeira. O sol nimbava lrmãmente as duas emplumadas cabeças, frementes ao macio teral.

Vinó, que os via, sentiu bater-lhe no animo a setta do ciume, envenenadamente recoberta de virary. Ergueu num momento o arco rijissimo, deixou-o cair de novo em cima dos rins, descançando sosegado.

Sentia-se, no emtanto, desalentado. E foi com um doloroso dilaceramento intimo que voltou pelo mesmo carreadouro. Desejava, nesse instante, não ter olhos para não ver as mesmas moitas cicantes que lhe tinham feito mesuras á passagem,—não ter ouvidos, para não apprehender a musica purissima que ainda voejava errante por sobre os arvores.

Fez alto. Demoradamente, prendeu olhares de affeição viva á soberba montanha, fidalgamente presenteada pelo sol, a essa hora, com barras de ouro claro. Galgou-a, e levava já no cerebro, menos opaco, mais escandecido, a ldeia de a visitar ainda uma vez, a derradeira. Pois Vinó queria morrer.

A natureza escutaria seus ultimos gemidos, quando algum jaguar, saindo a abscansa furna, o atacasse enraivado. E se o dente acceirado das feras lhe não conseguisse romper de prompto as musculosas carnes, empedernidas da vida livre, despenhar-se-lia de algum abrupto alcantil afiado e seus membros rolariam no seio amiccissimo da natureza, tremulos ainda.

Vinó subiu, subiu. Do cimo da extrema encosta, descortinava as planuras, miseravelmente diminuidas na distancia, acanhadas entre as gargantas glaucas das serranias.

Deitou-se em riba de uma velha rocha, que as vegetações de avenca tornaram cõr de limo. O minimo rumor saído d'entre os troncos, avisa-o-ia da morte. Não tinha já os mesmos elyseos pensamentos de outrora; mas ahí, fia solidão prazenteira da selva refforida, teve talvez allivios para o seu amargurantissimo desespero.

Encolheu-se instinctivamente, ao ouvir um rumor que augmentava, approximando-se. Era estralejar de lianas puxadas com violencia, era gravetos quebrados, com barulho estallitante, era tremer convulsivo de parasitas que se abraçavam a lianas. Borboletas esquivas, assustadas com certeza, abriram tremulamente as espalmadas ventarolas. Tovacas e urús dormentes suspenderam a sêsta; a matta desentorpeceu-se por inteiro.

Essa agitação inquietada de vida era para Vinó perfeito annuncio de morte. Por isso, foi com olhar de quem se despede para sempre que contemplou amorosamente as alvas trombetas que lhe serviam de docel, movediças ao favonio faguero. As jetys zumbidoras embalavam-lhe os multiplos pensares. Uma juruva cantava triste, em vergonhosa imitação de arrulhos. O sol conseguira adentrar-se na recatada pudicicia da matta.

Quando o rumor se fez sentir mais proximo, Vinó fechou os olhos. Entretanto, admirou-se: contrairam-se-lhe os musculos da face, com sensação exterior de um beijo; humanos braços cingiram-lhe o busto; ennastradas melenas cairam-lhe nos hombros. Desperto affnal do inconsciente pavor, olhava agora:—Salú, tentadora como Salú sabe ser tentadora, estava-lhe á beira...

Repelliu-a, que um joven guerreiro não acceta a mulher amada de dous homens e de dous homens amante. Mas Salú ria-se, e a alegre risada de prata sonorizava o ar limpidamente. E disalhe:

—Era meu pae, Vinó!

Levantaram-se então. Meio abraçados desceram ao valle. Abriu-se a palhoça de Vinó, risonha á entrada da capoeira frondejante.

Em seguida... Rede, sapés e flechas, nunca ninguem saiba por vós o que os dous enamorados se entre-disseram!

VALDOMIRO SILVEIRA.

Não ha maioria contra a consciencia.

JULIO SIMON.

## SE EU FOSSE AVE!

Na limpidez azul do teu olhar,  
No céu azul dos olhos teus, existo  
A terna luz crepuscular e triste  
Que inunda o firmamento, ao descambar

Do sol, á tarde. Doce luz, suave  
Luz a do teu olhar! Que luz tranquilla  
Essa que anima a celestial pupilla  
Dos olhos teus! Se eu fosse, ó Flor! uma ave

E pudesse attingir a curva immensa  
Do firmamento, as azas acudindo,  
O vôo erguera ao anilado lludo  
Dos olhos teus — o céu da minha crenga!

Mas assim mesmo, Flor! ave não sendo,  
Nem tendo azas de forte envergadura,  
Mesmo assim, multa vez, da noite escura  
Em que vivo sepulto, azas bateudo

Ideias, de fim gaze, o pensamento  
Ascende, allucinado, ao infinito  
D'esse céu, d'esse olhar, que, mais eu fito,  
Mais desejo fitar! Eu só lameuto

Não poder penetrar d'essa saphyra  
Desmaiada o segredo! Eu só desejo  
Ver n'esse olhar aquillo que não vejo:  
AMOR! Que os olhos falem como a lyra,

E, como ella, estalando, corda a corda,  
A historia conte do meu peito afflicto,  
Digam tambem do seio do llufulto  
Azul, que doce luz de si transborda,

Todo esse amor — se o têm — doce e suave  
Como o limpido azul da curva immensa  
Do céu, da linda abóbada suspensa  
Por sobre nós! Se eu fosse, ó Flor! uma ave

E pudesse vôar, vôar, vôar  
Ao céu azul dos olhos teus, abrindo  
As azas, fortemente acudindo  
A forte envergadura, lá pousar

O vôo nesse céu suave e doce!

O vôo erguera á celestial pupilla  
Dos olhos teus de calma luz tranquilla,  
Se eu pudesse vôar, se uma ave eu fosse!

(Dos "Combates Intimos.")

JOSÉ DE FREITAS GUIMARÃES.

Os preguiçosos têm sempre vontade  
de fazer alguma cousa.

VAUENARGUES.

## E' PANTÂNO OU PÂNTANO?

"Causará hilaridade e será ferido pela critica mordaz quem disser "pantâno" (com o acento na penultima syllaba) em meio de pessoas entendidas. Será isto bastante para se por em quarentena os seus creditos litterarios. Um dirá: — Pois elle não saberá que é "pântano"?"

— Não sabe a nossa lingua! — accrescentará outro.

— E' caipira! — responderá talvez um terceiro. "No emtanto, neste ponto, a verdade está do lado dos ignorantes, que compõe as baixas camadas sociais. O povo pronuncia "pantâno", e os eruditos em geral "pântano" (com o acento na antepenultima syllaba). A pronuncia mais correcta é a popular:—"pantâno". E' esta a preferida por Moraes, 1ª edição; assim pronuncia o eximio philólogo brasileiro, o meu amigo e coestadino Julio Ribeiro, que escreveu, ao ver dos entendidos e competentes, a melhor grammatica portugueza que possuímos. Eu estou com estes dous grandes mestres da lingua vernacula e com o povo: — pronuncio "pantâno" — JOSÉ MENDES."

"Neste presidio em que fui arrojado pelos accidentes da "struggle for life", foi um lenitivo o excellent. porém, pequenino artigo que, sob o titulo supra, publicou o MONITOR PAULISTA, em seu numero de 5 de Agosto ultimo. Lastimel que fosse tão diminuta a dose, e disse commigo: — Por que o Sr. José Mendes não se estendeu ao menos até o fim da columna?"

"Foi diminuta, sim, mas confortou-me e agradeceu-me muito.

"Um amigo, a quem muito preço, pediu-me a opinião sobre o assumpto. Que poderel eu dizer depois da citação de Moraes e Julio Ribeiro? Só me é licito citar tambem. Encontrei em Fonseca e Roquette (1871) "pântano", com acento na primeira syllaba. Aulete não indica o acento d'essa palavra, que, segundo diz, vem do Hespanhol.

"Creio que em todo o presidio não existe um só dicionario hespanhol: e, nestas condições, como emittir e fundamentar opinião?"

"Por semelhança o analogia?"

Mas temos em portuguez — "humano, engano", com accento na penultima syllaba, o "láudano e rábano", com accento na antepenultima syllaba. Por esse lado nada se arranja.

Nos dictionarios francez, luglez o latiuo, não encontro essa palavra.

Ando descrente de tudo, até da prosodia: tenho ouvido sempre dizer "nóvel", mas, apuradas as razões, vi que é novél, com accento na ultima syllaba. Uns dizem "imbécil", outros, porém, sustentam que é "imbécil", accento na ultima.

Até do purismo e correção da linguagem descreto. Escrevi uma vez que "guardar o leito", no sentido de estar de cama, era gallicismo. Hôga que tal disseste! Um illustre director de collegio, em um hotel, esbravejou contra mim, e eu, durante a tempestade, só tive o expediente de esgotar a taça de vinho que o pedagogo teve a feliz idéa de me offerecer.

Nunca pensei que "c'est á dire" se pudesse traduzir por — "é dizer", e seria capaz de jurar que "é dizer" é gallicismo; eutretanto, encontrei por vezes essa locução na excellente tradução do TELEMACO, feita por Filinto Elysis.

Finalmente direi que, por minha parte, o artigo a que alludo abalou, mas não mudou a minha convicção; e, por isso, continuo a acompanhar a maioria que pronuncia "pântano", accento na primeira syllaba, e assim não me tôrno notavel, e poupo-me ao trabalho de estar a cada passo justificando meu modo de pronunciar.

— Agora, perguntar-me-ão:

— Por que tamanho rodeio para dizer tão pouco sobre o assumpto?

— Um discipulo de Appelles pintara Helena pouco formosa, porém muito adornada. Disse-lhe Appelles;

— Sabeis porque a pintaste tão rica? Porque a não soubeste pintar formosa.

— Respondo pois:

— Divaguei porque pouco podia dizer sobre a these.

Avaré, Setembro, 1893.—A. CESAR."

A natural tendencia de meu espirito para os estudos philologicos, em luta muita vez com a necessidade de afastar a d'esse caminho, fez-me entrar na questão que o meu amigo Dr. José Mendes em boa hora levantou no MONITOR PAULISTA.

E "pântano", ou "pantano"?

A meu vêr, nós os brasileiros, que falamos uma lingua cuja accentuação phonetica é manifesta e cresce dia a dia, devemos pronunciar o vocabulo nasalando a penultima syllaba.

Assim fazeudo, praticamos a boa regra phonologica, obramos de accordo com a etymologia da palavra e com os bons ensinamentos dos mestres.

E de facto, "pântano" é palavra hespanhola, que passou para o portuguez integralmente, com a mesma orthographia, com a mesma prosodia. Não vem do Latim, ou Grego, como supõe Constantino em seu "Dictionario critico e etymologico da lingua portugueza". Em italiano se diz tambem — "pantano".

Alguns escriptores usam indistinctamente da palavra com o accento na primeira syllaba e sem accento algum. Escrevem comtudo, sempre, "pantana", que é siuonymo de "pântano".

João Ribeiro, um dos nossos melhores grammaticologos, mencionando os caracteres phonologicos, que na maioria distinguem a linguagem popular da erudita, constata a existencia de "pântano" ("Dictionario grammatical," 1889, pag. 76).

Macedo Soares, nos "Estudos lexicographicos do dialecto brasileiro," publicadas na "Revista Brasileira," diz:

"Pântano, pantano, com o seguudo "a" longo, corresponde ao portuguez — "pântano;" e tão boa é uma pronuncia, como a outra. Eutretanto, um folhetinista do "Jornal do Commercio," tendo acompanhado o ministro d'agricultura num passeio a Leopoldina e parado na fazenda do "Pântano," pertencente ao Dr. Santos Silva, pôz-se muito atrapalhado com esta pronuncia e concluiu: porque "pântano" não é Portuguez, mas é o nome da fazenda (\*), escrevamos "Pântano, Pantano". Mas então em materia de linguagem, o que não é portuguez não pôde ser brasileiro?"

Esraignolle Taunay, no seu interessante livro "Céus e terras do Brasil," fala dos "pântanos" do Pequiré e acrescenta, em nota, que "no interior pronuncin-se a palavra grave, e não esdruxula, mais conforme assim com a etymologia."

Depois da citação de taes autoridades, como João Ribeiro, como Macedo Soares, como Taunay, que tauto hão estudado a nossa lingua e os nossos costumes, parece ousadia de minha parte continuar no assumpto. Eutretanto, seja-me permitido declarar porque adopto a forma popular de pronunciar o vocabulo.

A lingua falada no Brasil é o dialecto castelhano, é o Portuguez antigo, com differenciações

(\*) Conheço logares em Minas com o nome de "Pântano," como sejam: uma fazenda em Uberaba e o arrual — "Dóres do Pântano." Em S. Paulo ha a estação do "Pântano," no Ramal Descalvadense, da linha Paulista.

N. DO A.

apenas produzidas pelo tempo, pela conquista de vocabulos novos, pela influencia de factores physicos e moraes, segundo a classificação geral de William Dwight Whitney, na "Essenciais de english grammar," de Henry Thomas Buckle, na "History of civilisation in England," e de Dellus, na "Romanische sprachfamilie."

Depois de 1640, os Portuguezes trataram quanto possivel de afastar da lingua do seus oppressores (os Hespanhoes) o dialecto castelhano, — diz o Sr. Paranhos da Silva. A adopção da orthographia latina nos livros de Portugal, — continua o mesmo autor, — para substituir a portugueza dos escriptores gallicantistas, bem claramente indica a idéa que os Portuguezes tiveram de fazer sua lingua "parecer" muito diversa da castelhana.

Essa opinião é robustecida pela de Whitney, que diz, a respeito do falar da gente inculta, que "estas cousas provém em parte da tradição, e não são seuas a lingua antiga, tal qual a falaram alguns seculos antes as classes cultivadas."

Ainda hoje os nossos caipiras empregam phrases e termos que a nós outros nos parecem erros palmares. No emtanto ha para isso uma razão forte; o caipira tem motivos, que elle proprio ignora para assim proceder.

Muito frequentemente ouvimos os matutos dizerem "maginar, entoncos, dispois, corage, ventage, desgraçia, differença, ansim," em vez de — "imaginar, então, depois, coragem, vantagem, desgraça, differença, assim."

Isto que supponho "batatas" tem comtudo sua razão de ser: o caipira não erra, não está deturpando a lingua, — conserva apenas aquella herança que a tradição lhe transmittiu. Com effeito, "maginar," é portuguez classico; "entoncos, despues, corage, ventaja, desgraçia, differença," se encontram no Hespanhol, e "ansim" é do antigo castelhano.

Em Camões lêem-se repetidas vezes — "dispois, mas porém..."

Não zombemos do linguaajar do poviléo. Ello, disse o Julio Ribeiro, é conservador tenaz dos elementos archaicos da lingua.

Acompanhem-o antes, pronunciando tambem "pântano." O povo está com a verdade historica da linguagem.

Casa Branca, 1893.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

A amizade é um sentimento nobre e raro que só experimentam os capazes de inspiral-o.

XXX.

## Factos e Noticias

CONSELHEIRO DANTAS

Falleceu o conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, á 1 hora da madrugada do dia 29 do passado.

Foi na Bahia que nasceu, a 21 de Fevereiro de 1831, o grande brasileiro que, durante toda a sua vida, prestou á sua patria tantos e tão relevantes serviços.

Tendo-se formado em 1851 na academia de Olinda em sciencias juridicas e sociaes, passou logo a exercer com grande brilhantismo o cargo de procurador fiscal na thesouraria do Estado que lhe foi berço.

De então em diante a sua carreira foi uma serie ininterrompida de luctas e de glorias, bem conhecidas de todos.

Embalzado pelo Dr. Costa Ferraz, realizou-se na tarde de 31 do passado a trasladação do corpo da casa do conselheiro Rodolpho Dantas para a capella do cemiterio do Carmo, onde ficou depositado.

O acto foi solemnisimo pelo enorme quantidade de carros que compunham o prestito, pela elevada posição das pessoas que prestavam aquella homenagem ao illustre morto, pelo grande numero, riqueza e gosto das grinaldas funebres e emfim pela profunda magua que se via impressa em todas as physionomias.

A SEMANA que, em sua primeira phase, soube comprehender e applaudir a obra do conselheiro Dantas, quiz tambem associar-se ás geraes manifestações de preito e dó pelo seu passamento.

Não tendo sido possivel fazer-se representar por algum dos seus redactores, enviou uma grinalda de saudades e amores perfectos, tendo nas fitas pretas a seguinte inscripção:

"Ao grande brasileiro—A SEMANA."

E hoje estampamos um retrato, especialmente feito para a nossa folha, pelo nosso collaborador Belmiro de Almeida.

Falleceu e sepultou-se hontem uma filha do illustre magistrado Dr. Macedo Soares, de nome Judith, moça formosa e intelligente, que era o enlevo da familia, á qual damos sinceros pesames.

O artigo que no ECHO DU BRÉSIL de 20 do mez passado escreveu o nosso director sob o titulo LE BRÉSIL EN FRANCE teve a honra de ser traduzido e reproduzido em S. Paulo pelo CORREIO PAULISTANO e aqui pelo DIARIO DA TARDE. Para satisfazer os pedidos de varios leitores d'A SEMANA reproduzimos o proximo numero, servindo-nos da excellente tradução do CORREIO PAULISTANO.

Ao artigo LE BRÉSIL EN FRANCE respondeu o director do ECHO DU BRÉSIL em seu numero de sabbado passado em um artigo cheio de verdade e bom senso, no qual apresenta como causa principal de não ser o Brasil devidamente conhecido em França a falta de propaganda, lembrando que só uma tentativa se fez, devida á iniciativa do saudoso dr. Couty, tentativa que não foi reproduzida.

Ha, de certo, muita verdade nisso. O Brasil não tem feito propaganda de seus recursos, costumes, riquezas, etc. no Estrangelro.

No tempo do imperio tinhamos uma réclame viva e perambulante—o monarcha; mas que tambem não bastava, tanto que o Brasil ficou ignorado. Na Republica nada temos feito. E é preciso fazer alguma cousa.

## CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

### CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, irarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a forma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almagão) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

**OS PREMIOS**

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebidades, ricamente emoldurados, etc.

**A DIRECÇÃO.**

**CORREIO**

**SR. BOREL.** Eis como começa Sua Mercê o seu desaforo em forma de carta:

"Tu que és tão prompto em castigares..."

Castigado estás tu e vingado estou eu só com esta primeira phrase do teu desarrasado. Com que, amigo Borel (Nem ao menos o diabo é Borel!). E' que elle quiz, certamente, fugir ás tres primeiras letras fataes do proprio nome; mas nem se lembrou que a cauda lhe ficava á mostra!) Com que, achas tu (senhor typographo, carregue-me neste "tú") achas, então, que os actuaes collaboradores d'A SEMANA são morcegos, hein? Sublo-te de certo toda a toleima á cabeça!

Mas, pelo amor de Deus, leitores, olhem-me para este bananzola! Não percam esta delicia! Puchem-lhe só pelos cordels para ver como elle brinca!

Ahi, Fulustrédo! Desengonça, Chico!

Olha, carinho, tu te espichaste vergonhosamente! Quizeste dizer—"ta-tá," e não te chegou a lingua!... Morcegos, ouviste? não são os collaboradores d'esta folha, mór cego és tu que lhes não vês o talento! Mas verdadeiramente morcego sabes tu quem é? Morcego... morcego é a avó!

Engula esta e abaixe a grimpa, "seu" troixa!

**SR. RAMOS ARANTES.**—Os seus QUATRO SONETOS (devia antes dizer sonetinhos) são regulares. Um pouco piegas, mas... passam, passam! Ficam esperados, e não hão de perder em esperar, visto que quem espera sempre alcança.

Dir-me-a porém o amigo que, ás vezes, um rapaz leva a arrastar a aza a uma moça na esperanza de casar-se com ella; e, tanto cóca, e tanto espera que uma bella occasião alcança. Mas o peor é que, em vez de alcançar a mão da bella, como era de justiça, alcança mas é a manopla do pae pelas tabaqueiras! O que se chama uma boa nota de cinco!... (Já é um dote!)

Com o Sr., porém, tal não acontecerá, assevero. Os seus sonetinhos hão de alcançar publicação.

**SR. D. DE O.**—(Recife) Lindos os seus versos "Flor del ciclo" e "A Gloria" D'estes é que gosto de receber. Ah! meu caro, se todos os que recebo fossem d'esta qualidade! Vae ver que bonita collocação vão ter os seus.

E mande malá.

**SR. J. M. DE A. (Rio Pardo)**—Seu continho "Impressões Agradaveis" acaba de fazer uma viagemzinha: foi até á cesta dos papels velhos. E' muito piégas, mesmo muito. Tudo aquillo é rococó como um par de botinas de duraque e biqueiras de verniz. Mas não desanime: quem porfia....

ENRICO.

**Tratos á bola**

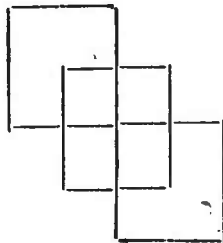
Devido a grande atrazo no meu expediente religioso (só a santa Genoveva devo eu nada menos de seis padrenossos, e dois pelos menos a cada uma das outras santas), devido a isto, passo hoje pelas trafices como gato por brazaa ou como passa por missa de finados um padre com dôrdô barriga!

Para não perder tempo, entro já em serviço:

As do numero passado, mortas em primeiro lugar por "D. Joanninha B." que fez jús ao premio, e depois por "Josephina B.," "Janina O.," "K.C.T. A. Dor," "Cancurenha," "Bombardon," "Bigode de Arame" e "Lupse," são estas:

1ª Serodio, 2ª Lanterneta, 3ª Ixora, 4ª Morte, 5ª Ala, Lar, Arasá, Ser, Ara, 6ª Tiradifraavel, 7ª (Decifração adeante), 8ª Tiradentes, 9ª Saracutinga, 10ª Nictheroy.

**DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA**



La váe mecha!

D'esta vez só o Dégas tem a palavra:

**ANTIGA**

Sou um adverbio, segundo Aulete—1. Na mão do obreiro sou conhecido—1. Quando me mettem duro cacete, Eu no cacete fico mettido—1.

Por fim o riço cacete acabo Eu que sou riço mais que o Diabo—1.

Em conclusão: implumado Eu sou sem passaro ser. Oh! charadista illustrado, Decifra e vem me dizer.

**NOVISSIMAS**

E' adverbio? Substantivo? E' letra, letra do guerreiro.—1, 1, 1, 1.

Cobre-te, filho da Biblia, cobre-te!—2, 2.

O vestuario conta do homem—2, 2.

**ANTIGA**

"Stou na moringa,—1 Mas cubro o corpo;—1 Sou da botica—1 Mas cubro o corpo.

Flic-flac  
Roseiral  
Catrapuz  
Calvario  
Salcelro  
Thesouro  
Ataulph.  
Engracia  
Nestes nomes, que são oito,  
Se achares em diagonal  
O nome da cousa tal,  
Has de ganhar um biscoito.

**DECAPITADA**

Cobre o coco—  
Sem ser nada—  
Não sou pouco—  
Letra achada  
Sou no livro,  
No A B C;  
Não me livro  
De quem lê.—

**PERGUNTAS**

Qual o objecto que faz um numero fatal de eunuchos?

Cobre o soldado com o bicho que se põe nos hombros ás avessas, e com o numero que, ás avessas, faz o tecido?

**LOGOGYPHO**

Soporifero—3, 6, 7, 5, 9  
Páo esgulo—1, 2, 3, 4, 5, 9  
Que navega  
Com destreza,—1, 2, 5, 9  
E' do Codigo,—3, 6, 7  
Tapa o frio...—1, 2, 3, 2  
Oh! que esfrega!—8, 9, 3, 9  
Põe-o á mesa.

**ENIGMA**

Eu vivo sempre no alto,  
Mas onde me toca a mão;  
Na peleja eu nunca falto  
Dominando o batalhão!

O topete põe por baixo  
Dos outros o meu topete...  
Mesmo quando uns oito eu acho,  
Heide sempre contar sete.

Sou tambem do capadocio  
Bom companheiro, oh! se sou!  
Comigo não faz negocio  
Nem fedelho nem vovô.

Tenho pena de mim proprio;  
Dos outros caso não faço...  
Quem queimou Felix que sobre-o!  
Podem dizer que sou de aço!...

Pois quando um golpe me apanha  
Que amolgar-me um pouco venha,  
De mim na crua campanha  
Pena acho acaso quem tenha!  
Quatro syllabas eu conto  
E com esta... ponho o ponto.

Tem dois cês e pê e tê  
Tem dois ás e tem dois és;  
Mas não tem pés  
(Não sei porque!)...  
O que é??

E agora para terminar, esta qua é novinha como o azeite de peixe e a chuva de pedra:

Branco é, gallinha o põe.  
(Olha esta omelette que saia!)

Ao primeiro decifrador de toda a quitação, inclusive esta que é dura como um chifre, um premio capaz de matar de inveja Mephistophcles.

E sem mais, abençoa-vos

FREI ANTONIO.

**ESTABELECIMENTO  
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado  
115 — Rua Sete de Setembro — 115  
Rua da Carioca, 12 e 14  
FILIAL EM PETROPOLIS

**CHAPELARIA AMERICANA**

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL  
**CARVALHO PORTUGAL & C.**

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,  
enhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

**FABRICA ORPHANOLOGICA**

DE

**FLORES ARTIFICIAES**

Ribeiro de Carvalho & C.  
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,  
etc., etc.

**PIANOS E MUSICAS  
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

**O PEDAGOGIUM**

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

**BIBLIOTHECA**

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica  
e Historia Natural.

**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

**REVISTA PEDAGOGICA**

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos  
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

**Dr. R. Rajardo**

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas.

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

**DR. HENRIQUE DE SÁ**

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

**Dr. Ed. Chapot Prévost**

Lente Cathedratico da Faculdade

**Gynecologia e Operações**

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

**DR. VALENTIM MAGALHÃES**

ADVOGADO

67 Rua Gonçalves Dias 67

PRIMEIRO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

**DR. VIEIRA SOUTO**

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**Papelaria LUIZ MACEDO**

64, RUA DA QUITANDA, 64.

Importação de papel de todas as qualidades.  
Completo sortimento de livros e objectos  
para escriptorio e de fantasia.









